

# O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

Redactor — ALBERTO G. C. QUEIROZ.

Editor — JOAQUIM DOMINGUES DE AZEVEDO.

ANNO II.

Este jornal publica-se nos domingos — Assinatura, a 2,000 por trimestre, na typographia do Paiz, largo de Palacio n. 17. As assignaturas são pagas adiantadas.

NUMERO 37.

## O DOMINGO.

MARANHAO, 28 DE SETEMBRO DE 1873.

Artigo e iracundo apresentou-se o n.º 45 do *Diario do Maranhão* de 24 do corrente.

Em linguagem torpe descobriu o seu calendario de insultos sobre o illustrado redactor do *Paiz* e a jovem redacção deste jornalzinho. Longe, porém, de acolhermos as suas nojentas palavras nós as devolvemos intactas para que o *automato litterario* escriptor do papel, como disse o Sr. Arthur Azevedo, as envolva de novo nos *estruais de seu leito* de onde costuma tiral-as.

A calumnia com que nos mimoseou o *eloquente general Ferrer* estamos convictos de que não encontrará aceitação entre pessoas sensatas que saberão conceder nos a justiça que merecemos.

Somos jovem, Sr. José Maria, somos pequeno, porém temos dignidade, e essa dignidade saberíamos pela patente se o intelligente redactor do *Paiz* (o que esta-

mos buço do pensar) nos viesse seduzir á que representassemos o papel que o *alphabeto* escriptor do *Diario* diz que representamos.

O honrado redactor do *Paiz*, portanto, nós o declaramos, nada tem nem nunca teve com a redacção do jornal *Domingo* que se imprime em sua typographia, e se esses insultos que nos atra o *Diario do Maranhão* e que são dirigidos por não envolta na luva do anónimo, mal nos tocam, juraes poderão attingir a altura em que se acha o digno redactor do *Paiz*.

Escreve, pois, o escriptor do *Diario* que nós o iremos *dicteando* de longe para não nos emporcalharmos com a lama que sacode de si.

### Publicação á pedido.

*Illm. Sr. redactor.*—Tendo mandado o artigo junto para ser publicado no *Paiz* e não tendo querido accital-o, creio que por mal entendida consideração, o redactor d'aquelle jornal, recorro á V. S. porque sei que o sympathico *Domingo* só dis-

— E que ha ali de admirar? Isso é muito natural; cá, eu tambem estou apaixonado.

— Tu? ah!...

— E não sabes por quem?

— Não...

— Sé franca, Amica, como eu sou; diz-me seu nome como eu te digor — Eu te amo...

Amo sentio em si tamanho estremeamento de prazer, tanta ventura, indizivel e vivificante que não posso em mim — ah! — deixar de manifestar o prazer com que recebi aquella declaração.

— Dize agora tu, tornou Alfredo, diz a mim por tua vez, o teu sentimento; quero essa simples phrase, a fim de ver em realidade a minha doce ventura.

— Pois bem! disse Anna, queres? — Eu te amo...

Oh! mil vezes obrigado! não sabes como me alivia da inquietação que sentia... Sim, Amica, o nosso amor é tão puro, tão verdadeiro que seria impossível que por um momento sequer fosse elle turbado pela mais leve sombra do infortunio.

Assim foi a declaração d'esse novo e insinuado affecto, que, pelo mesmo tempo havia ferido a alma de Alfredo e de Anna.

Passaram-se os dias, e, os felizes amantes os viam correr tão ylormente. No seu futuro só viam-lhes sorrir fagueira á esperança, prazeres, claridade e vida...

Pensaram logo em breve casamento.

pensa consideração á quem com justiça á merece e pouco se incomoda com os *couces do Ferrario*, e de mais sendo o artigo noticioso, com isso lucrarão os seus leitores.

*Um assignante.*

Eis o artigo:

*José Maria Ferreria de Queiroz.*

Este antigo *meistre de burros*, á pedido dos meninos do lycen — *cái dar lições de civildade* e tão-bem promette não andar mais com a *chapé de sol teza* por lhe ter dito o seu *meitor*, que era isso que o *impedia d'entender a grammatica*; mas nós que conhecemos de perto o *distincto Ferreria* — o aconselhamos a que não faça tal — pois esse *gacho* com que capinha o *proverbial chapé de sol* é a sua *varinha de condão*; é a fonte onde bebe as *sublimas inspirações* — mas como: *Declinades!!! pedras nos telhos!!! e já temos bonds.*

*Um admirador.*

E esse casamento nada lhes parecia que podesse existir que servisse para obstaculo. Contação com a infallivel approvação de Gabriel. O unico motivo de reserva da parte deste, era ser Alfredo filho bastardo. Mas isso pouco importava. Gabriel, elles bem sabiam, não teria esse prejuizo; nunca o seu protegido, o seu filho teve para elle menos consideração por isso.

Portanto, não lhes restavam duvida, o seu amor havia de merecer a approvação do seu pai.

E todavia elles não resolveram logo communiar o seu amor a Gabriel. Queriam amarem-se por algum tempo em segredo. Parecia-lhes que assim gosariam melhor o *doce mysterio* do amor.

E parece que assim é.

Quando só anna em segredo; quando só ruído no ente amado os reais sentimentos de no-sea alma, ou, quando, embora, sabem-n'o algum, porém que não é objecto publico, mas apenas um mysterio sem fundamento que não querem os amantes revelar — realmente, parece que esse amor é mais doce, poetico e veemente.

Se até aqui elles tinham sido felizes, como não o eram agora, como não o seriam depois?

Entretanto, Gabriel não suspeitava que Alfredo e Anna se amavam.

VII.

Descrever as scenas alegres, festas eapai-

## ROMANTEM.

### Desluzo e crime.

INDOZO D'UM ROMANCE.

Por A. Botta.

A meu amigo Luiz Basseto.  
(Continuado do n. 36).

VI.

A sós, no dia seguinte, aclararam-se os dois amantes.

— Já adividhei, disse Alfredo, já sei perfeitamente tudo o que antes, querida irmã...

— Não... não sabes...

— Oh! se sei! Oh!ha, assenta-te aqui junto de mim; não te caverghas... Alfredo fôla, quasi que obrigada, assentar-se.

— O que sentes, confirmou o maneco, tambem eu sinto...

— Tandem?... balbucio ella, não... eu nada sinto, encobro-se logo.

— O meu coração é leal; elle me diz tanta coisa... tanta... que não sei se eu... se nós seremos felizes.

— Não te comprehendo...

— Amica, não puctes mais certillar-me; — Eu sei que tu attas...

— A quem?... insensivelmente disse ella olhando... acrescentando logo: Estás enganado... se alguém te disse isso — mentio!

## Um sabbado do caixairo de cobrança.

Esta peça muito resolva  
Podem ter-se a cobrar  
Para quem já foi enviado  
Ou para quem caixairo for,  
De caixairo de cobrança  
Quero ao aqui fallar,  
Pois, melhor que qualquer outro  
Tudo pode apreciar.

Fugitivas as trevas aos primeiros raios da luz matutina, desaparecem completamente, e eis o dia, que é sabbado, dia em que se recebem muitos prazos e em que está o termo de muita promessa falsa ou verdadeira.

Ao levantar-se da cama, já o caixairo de cobrança está considerando sobre o que tem a fazer e as grandes voltas que tem a dar.

Todos sabem que o sabbado é vespéra do domingo, o dia do Senhor e consagrado ao descanço, cuja observancia, para os verdadeiros religiosos, data da remota era do Decalogo: mas também sabe-se que, infelizmente, ainda ha muito quem faça do domingo um dia de serviço para n'elle conferir uma conta corrente, desmanchar certos enganos, conferir uma conta mensal, fazer uma pequena correspondencia, apenas até as quatro horas da tarde e isto quando Deos não deixa que entre pela noite. Coma sabe-se, ha muito dono de estabelecimento digno de toda a estima e da mais alta consideração, mas, também ninguém ignora que ha muito *typo burlesco* que bem merecia passar pelas provações de que foram victimas alguns frades que em algum tempo foram pregar á China: ou quando menos deveriam ser castigados á última moda espanhola isto é, banho de patroleo e em seguida logo.

Fazendo esta pequena digressão, cumpre agora voltar ao assumpto. Como vespéra de um dia de descanço, a gente trabalha com mais satisfação ao sabbado, sentindo mesmo o corpo mais

disposto e tornando-se o trabalho mais agradável.

Assim veste-se um pouco ás pressas: o amigo caixairo de cobrança, mete algum *lastro* no estomago e sabe ainda abotoando os punhos da camisa e o collete.

Já o formidavel maço de contas está no bolso, além das que já se acham destrribuídas e que constam de uma *respeitavel e muito recommendavel* relação.

Tendo mil partes onde ir, pensa, dois minutos antes de sair, qual o norte á tomar e finalmente resolve-se á fazer proa para o oriente. A poucos passos entra em um estabelecimento, e, depois do indispensavel cumprimento (visto que são sempre rapazes muito cortezios e politicos) diz:

«Sr. F., contando com sua promessa para hoje, aqui estou as suas ordens, esperando que Vm. não faltará, visto que precisamos muito de dinheiro, ou de muito dinheiro.»

Responde-lhe o dono do estabelecimento: Homem, V. tenha paciência e venha cá na terça-feira, porque hoje não pode ser, em consequencia de um grande pagamento, que tenho a fazer á certo sujeito muito exigente.»

Sabe o caixairo, que mal começou sua jornada, dizendo com seus botões: Na terça-feira elle me ha de arranjar outra historia e assim vamos de dia para dia, de semana para semana, de mez para mez, de anno para anno e nada de dinheiro.»

Chega á outra casa e diz. Quer-me Vm. hoje por aqui além de vermos aquella nossa conta, para cujo pagamento disse-me que hoje viesse?»

«Sim, diz um dos socios, nós desejamos mesmo pagar essa conta: mas o Caixa não está em casa e então o Sr. appareça-nos mais tarde, assim pelas dez horas.» Sae o caixairo já vendo que

aquillo é *armadilha* certa, porque á aquellas horas lhe dirão:

«O Caixa foi almoçar.»

Entra em outra casa, e procurando pela conta que alli havia deixado, responde-lhe um sujeito por detrás de uma grade: «O pequeno não está ali e eu não sei bem onde elle teria deixado sua conta, por isso appareça-me logo mais.»

Vae á outra casa, onde tinha quasi certeza de fazer algum recebimento, em vista de promessa muito affiançada, e pelindo ao dono da casa o obsequio de lhe satisfazer a conta, responde-lhe: «Homem, hoje temos de fazer uma entrada não pequena para o banco e pagar duas ordens de grande quantia, e por esta razão nada lhe podemos fazer hoje; mas venha cá para a semana que nos liquidamos essas contas.»

As horas se adiantam e nada de dinheiro. O amigo caixairo vendo que mal lhe corre a fortuna, vira de bordo e vae ter á um grande estabelecimento, que por ter fama de grandes fundos, inspira-lhe confiança e lhe faz já contar com o dinheiro lá entrando, vae um dos socios gritando por um modo grosseiro:

«Hoje não pod'emos prestar attenção porque o vapor está de sahida e temos que aviar muitos pedidos, preparar facturas, despachos, saques, contas de venda, contas correntes, conhecimentos, a correspondencia, etc.»

Atorpeado o caixairo com tanta cousa, sah um pouco mal feito de corpo dando diabos por entre dentes, isto, porém, depois que deixa a porta do fólo capitalista. Entra em outro estabelecimento, onde, perguntando por sua conta, respondem-lhe: «Queremos pagar, mais a conta não confere.»

Cada vez mais descontente, vira novamente de bordo e vae pela decima vez a casa de um Sr. muito rico, que vingá-se em não mandá-lo

xonadas dos deus amantes nos levaria muito tempo.

E' sufficiente que se saiba que elles viveram por mais tres mezes n'essa doce illusão da vida, fruindo reciprocamente as delicias d'um amor tão puro e sancto como era aquelle.

Passado e-te tempo, Alfredo determinou-se a revelar a sua paixão á Gabriel.

Foi em uma tarde em que elles se achavam á sós que Alfredo fallou a seu pae adoptivo:

—Meu pae, tenho que contar-lhe um segredo...

—O que é lá isso?

—E' uma novidade, que certamente lhe será uma surpresa...

—Pois, diga lá, vamos ver que surpresa é essa.

—Saiba que estou apaixonado...

—Tu?! magalhão! E por quem, criança?

—Adivinhe...

—Ora, coms'hei de saber!

—E' por minha irmã, por Anna...

—Por Anna?! Isso é verdade, Alfredo?! Viu Gabriel, desorientado.

—Sim, por lá... E o que tem isso?...

—E ella?... o ella... balbuciou o velho.

—Ella também.

—Tambem!! Oh! que desgraça, meu Deus! exclamou Gabriel, occultando o rosto entre as mãos.

—Então, meu pae, o que ha?...

—O que ha?... tornou Gabriel, e que se

realmente voçes se amam, devem procurar esquecer esse amor porque elle não deve existir...

—Oh! não deve existir!?! e porque? porque: Anna não poderia ser minha esposa?...

—Esposa!! pronunciação tremendo Gabriel— nunca! nunca, minha filha... isso será um impossivel...

—Um impossivel?! Mas, diga-me, meu pae, será por achar noção no meu nascimento, pela minha bastardia?...

—Não, não é... em t'o asseguro: tu bem me conheces, Alfredo: sabes como te tenho sempre tratado—como um proprio filho—e o contecto, a confiança que de ti faço. Já vês que nunca isso me passaria pela lembrança, para não te julgar com direito á mão de minha filha. Mas... é... queres saber a razão? é porque eu sei de um segredo horrivel, d'uma historia hedionda que ninguém mais além de mim deve saber... Ella, essa historia—prohibe esse amor. Não... não me perguntar mais nada, Alfredo, porque eu não te posso responder...

—Então esse segredo, por maneira alguma posso saber? ainda perguntou Alfredo.

—Não pôde, meu filho... in principalmente... elle deve ir conmigo a sepultura...

—Ah! e quem sabe se o meu pae não me quer enganar... que ha algum outro motivo; algum comprometimento da mão de Anna, ou mesmo queira um casamento mais vantajoso...

—Não, não é, Alfredo, eu dou-te a minha

palavra... um juramento se quizeres, que não tenho outro motivo além deste segredo...

—Oh! mais isso é incrível! que segredo então será...?

—Nada, nada te posso dizer, meu filho. Só te peço que esqueças a Anna, não queiras amála assim; basto que a preses como d'antes—com um amor innocente, o de irmão' porque eu já nunca consentirei em semelhante casamento: é meu dever...

Alfredo prostrou-se n'uma cadeira afflicto e do-esperto.

Elle nunca havia pensado que, revelando o seu amor á seu pae este o viesse censurar e muito menos prohibi-lo, como o dissera. Queria formar raciocínios, mas a sua perturbação era tanta, que o deixava extremamente troyvaído.

Não poder ser sua esposa a sua idolatrada Annua! Como não lhe era terrivel essa lembrança.

Alfredo retirou-se da presença de Gabriel absorto, cogitando o desesperado ao mesmo tempo.

Não demorou-se a ir contar tudo o que se havia passado a Anna. Portanto, d'ali a pouco não era só Alfredo—era também aquella, eram dois corações que soffriam desapidado tormento!

(Continua.)

sentar, fallando-lhe com o sobre olho frauzido, ventas fureadas, e beigos em revolução e, dizem do-lhe: O Sr. talvez julgue que não pretendo pagar; pois é preciso que o Sr. e seu patrão saibam que eu tenho muito dinheiro, mas acha-se desembolçado (é o que a nós succede, diz o caixairo) e logo que eu venda umas sacetas e uns contos que me vieram do interior, mandarei satisfazer essa maldita conta.

Deixando esta casa, entra, á poucos passos em uma outra, cujo dono dizem-lhe ainda estar dormindo. Sae desta e entra em outra casa. Batendo palmas, vae um sujeito (o procurado), que fallando de distraz da porta e antepoendo dous sustentidos á voz diz-lhe em tom de ré: «O Sr. X. não está em casa.

Sae e vae a casa contigua.

Procurando pelo dono da dita casa, vem uma Sr.<sup>a</sup> velha dizer: O Sr. Y tem estado muito doente, tanto que tomou hoje um purgante, de sorte que creio que elle não poderá tratar de negocios por estes oito dias pelo menos.

Vae á outra casa, á outra, á outras muitas e um lhe diz: «Venha sabbado»; outro: Venha para a semana; outro: Venha de hoje a quinze dias; outro: Tenho contas a encontrar; e, emquanto dizem: So no fim do mez e assim o pobre caixairo vê-se exasperado.

Adiantadas já vão as horas; o sol abraza-o por diante e por detrás; os calos os incommodam por baixo, a zanga o incomoda pela cabeça ou por cima; e, no meio de tantas vexações, começa o estomago á dar horas!

Cansado, irritado e banhado em suor, encontra, entre outros muitos que andam pergando seus p. erados, um collega, com quem entra em conversação. «Então, pergunta-lhe o collega, como vamos de dinheiro?»

«Ora, não me fallo, porque est. o mesmo desapatado (deixem pa-sar o anglicismo). Já andei da Praia-Grande aos Dous-Leões, do Deserto á Santiago e da Madre de Deus aos Belmidos, sem que encontrasse um vintem.

Palavra, que s. ria capaz de enforcar sem pena á todos: quanto me tem da lo tamanho incommodo sem o menor proveito, fazendo-me entrar hoje para casa sem ter o que dar ao patrão. As tas contas já me metem raiva, e sobre tudo, o diabo das contas particulares; que depois de já terem sido reformadas dez vezes, ainda chegam a apodrecer, sem que seus donos as satisfacem! E tv, o que já fizeste?»

Infelizmente, diz o collega, tenho a contar-te uma historia egual á que me achas de narrar:

Tenho currido Sócia e Mica, sem que ainda encontrasse um dez reis; e o que mais me exaspera é a sem-ceremonia com que estes sujeitos mandam-nos ir á suas casas em dias determinados, para nesses dias marrear outros e assim indefinidamente. Eu queria que tivesse uma especie de Banco, porém, extraordinariamente rigoroso, onde não se admittisse reforma, alem do prazo prescripto, sem que fosse com a invariavel differença de 500 % ao mez ou do contrario cadeia certa, até real embolso. Só assim talvez se podesse fazer alguma cousa.

Como porém tão feliz idea talvez seja, por desgraça, inexequível, cá por mim, irei fazendo o que puder; quando menos, não lhes darei trecoas, perseguindo-os todos os dias e mais de uma vez no dia se possível for.

Eu tambem, diz o collega, juro aos meus deuses que estes diabos me não de pagar; porque, ainda que não o seja com dinheiro, ha de ser com os sustos que lhes hei de causar sempre, com as collisões em que os hei de pôr com a minha presença, que sempre lhes será atterradorra. Quando vem um caixairo á porta!... só Deus sabe e elles o sentem; e si em nossa vista ás vezes mostram ser muito tractaveis e delicados, p. demos ter certeza das maldições que sobre nós lançam ao dar-mo-lhes as costas. O que vale é que «praga de urubú não mata cavallo», diz o adagio.

Bem, diz o collega, não percamos tempo; vamos cada um para seu lado perseguir essa des-humana parte da humanidade que tanto nos atormenta.

E sabem cada um para seu lado, entrando a'um parte sim e a'outra não, sem porém encontrarem o objecto procurado.

Vem finalmente para casa o amigo caixairo de cobrança, muito tendo cobrado e nada tendo arrecadado.

Si seu patrão foi em algum tempo caixairo de cobrança e ainda recorda-se dos tempos passados, ou si, sem mesmo o ter sido, é homem delicado e razoavel, bom é; mas, quando o pobre caixairo tem de aturar um patrão desmiolado ou malterado: que sem attender ás circumstancias e razões, falla-lhe com quatro pedras na mão, julgando que o seu caixairo andou a perder o tempo sem impartar-se com o serviço?

Então o amigo caixairo, reconhecendo a sem-razão do seu patrão e tendo certeza de haver cumprido seu dever, vingá-se em amaldiçoar á aquelle por cuja causa elle houve tão asiatico sermão de um Fr. Barbadinho.

Setembro de 1873.

Calisto Quebrabriva do Calote Pindahyba.

### A' Carolina Rirosa.

(NO DIA DE SEUS ANOS).

Par hoje offrecer-te um canto,  
Composto de endéchas santas,  
Que te fosse até ás plantas  
Divinas de insonte lury:  
Deixei poeta o casulo,  
Onde a existencia 'stá presa  
E ao côro da natureza  
Pra dar-te — um canto pedi.

Disse á brisa: — «eu quero effluvios!»  
Disse ao sol: — «dá-me os teus lumes!»  
A's flores, — pedi perfumes,  
A's nuvens — nuvens de odor;  
Pedi ao ether — sorogeo,  
A' ondina — por las e gemugas;  
Esta offrecen-me uns poemas...  
Mas que poemas?... de dor!...

E a brisa, o sol, as florinhas,  
Negaram-me o que eu pedira;  
A nuvem viva corria  
No firmamento do azul;  
O ether tremulo anegia:

A ondina chora e desmaia;  
Contra a alva duca da praia,  
Que o vento agouta do sul.

Deslizava-se o ribeiro  
Entre os arbustos da voiga:  
Que canção sentida e meiga  
O sabia stava a carpir!...  
— Encarei-te e tu sorriste:  
Nesses labios de criança  
Mitosa a flor da esperança  
Dava-te um casto sorriso.

Tinhas nos labios — effluvios,  
Nos olhos candidos lumes,  
Vinham da bocca — os perfumes,  
Do seio a essencia, o odor;  
Tinhas no peito — o sorogeo,  
Tens da b'loza os diademas...  
Em ti contens mil poemas...  
Mas que poemas?... de amor!

Bella! Virgem, acceita o canto,  
Que a teus pés hoje deponho;  
E' sincero! E' tão risonho  
Quanto lindo o rosto teu.  
Não baixes a loura fronte!  
A fronte que s'orga e pense!  
O canto não me pertence,  
A natureza é o deus!

M. A. Lima Baratta.

Maranhão, 17 de agosto de 1873.

### Mote.

A mais formosa que Deus,

GLOZA.

(á pedido).

Doas irmãs eram ellas:  
Uma, se feia em feições,  
Era bonita em aegões,  
Em virtudes — sublimada;  
Outra, se linda nas formas,  
Não nos môdos, na moral,  
Pois em nada via o mal  
Querendo ser requestada.

Ellas, porém, conheceram  
Mais tarde que com razão  
Era a feiosa então  
Mais q'rida p' los modos seus —  
E sua irmã perguntou-lhe  
Quem tão bons dotes lhe dera:  
Ella pensando dissera  
A' mais formosa que Deus.

B.

### O amor e a cachapa.

Amor é sol de inverno,  
Demetrio Santos.

«he o branco, he o preto,  
he o cabeça, he o nobem,  
he o rico, he o pobre,  
he quem tem seu rintonem»  
Da Temperanca.

Fallam tanto da cachapa  
mas não sei qual a razão;  
quando á amor — o deus vendado  
rendem culto e adoração.

E para provar a causa  
da minha asserção, leitores,  
vou pintar em — primo loco —  
de cupido os seus primores.

Jura á um tolo uma Bernarda  
ardente paixão, voraz,  
com as mesmas phrases que ha pouco  
fizera a outro rapaz.

Mas elle que delirante  
vive com ella a sonhar

## CHRONICA.

Aspecto da chronica—Ora, é um dom—Lembra e descreve as redações desta cidade—A cidade e o bairrada—O espalhe-cidade domingo—O quinhão do Páiz—Partida do Club União—Festa dos Remedios—Excentricidade de um momento—Um plus-minus.

Tenho diante de mim, sob a pressão da minha penna umas poucas de tiras de papel para escrever, e é força confessar que não sei ainda com o que. No terreno das novidades não respiga uma sequer que valha a pena. A esterilidade não pode ser mais completa, e sendo eu um lórpa á respeito de imaginativa visto que não sou capaz de inventar uma meatira qualquer com visos de verdade, ser-me-ha summa mente difficil encher as supracitadas tiras, se algum poder occulto não vier em meu auxilio, tirando-me deste aperto, ou desta *conjunctura graciosa*.

Isto de *conjunctura graciosa* não é meu por isso mesmo que sublinhei; mas eu creio que já li estas palavras n'um officio dirigido a S. Exc. não sei porque bene-mérito da instrução publica. Por fallar em S. Exc. e na instrução publica, lem-bra-me que não foi tomado em considera-ção o pedido que fiz ás redações dos jor-naes desta cidade para que transcreves-sen o officio que na minha ultima chro-nica lhe dirigi; e não posso por tal modo deixar de censural-as, porque a reclamação d'aquelle meu officio sobre ser justa, interessa á causa da humanidade. A carne é de todos os nossos alimentos o primeiro, e ninguém me tira da cabeça que seja ella o heri-heri em pessoa—quando ordinaria. Emfim estão desculpa-das, mas ficam revogadas as resoluções em contrario, e na reinvidencia dos factos, pagarão as redações a multa corres-pondente ao valor de um boi.

—Correu regularmente o espectáculo de domingo em beneficio da director da Companhia Keller—Luiz Keller; os qua-dros foram todos bem exhibidos, e o be-neficiado logrou uma enchente real. Esta-va quase entregando ao desprezo o *quidam* que no *Paiz* de quinta-feira passada veio arengar umas baboseiras a respeito do que escrevi e tenho escripto sobre os trabalhos desta companhia; asneia aquelle meu amigo tanto que eu não sei mesmo o que lhe deva dizer, e se não fora o dese-jo de dar nma explicação ao auctor das estatuas que appeldei de monos, decla-ro-lhe com sinceridade que jamais lhe da-ria cavaco. A explicação é esta: appella-dando de monos as estatuas que vi em scena, não tive em vista, nem pela idéa que me passou offender com isso o seu auctor

pessoa alias que considero e cujo talento artistico seu dos primeiros a admirar; tive em mira cousa muito diversa, e creia o rabiscador do *Paiz* que se fosse menos curto das bôssas, tinha comprehendido o que eu disse. Mas é que nem todos são para tudo:—o mel. lá diz o dictado,—não é para a boca do *asno*.

—Felizmente as tiras vão se enchendo, é verdade que despidas de interesse; mas o leitor, se for cordacto, deve convir que não é por culpa minha. Se a semana fosse de commoções e as novidades pulu-ssem por ella fóra, ninguém melhor do que eu as saberia aproveitar por que se ha couza que me regale é levar ao conhê-cimento do leitor uma noticiacina mais ou menos apimentada.

—Não eslive na ultima partida do Club União, consta-me, porém, que esteve bas-tante concorrida e que dançou-se até as 2 horas da madrugada.

Acordei na sexta-feira de madrugada pelos sons de uma bonita walsa, que me trazião as brisas do pectico Anil. Davo traços á imaginação á ver se me lembra-va o que poderia occasionar a essa hora tanta harmonia no pitoresco largo dos Remédios, e já depois de cansado foi que veio me á reminiscencia um pomposo pro-gramma que li da festa de N. S. dos Re-médios, e que, segundo elle, é este anno *igual aos outros* menos no apparato; para ella pois, conviño as minhas sympathicas leitoras, recommendando-as que vissem primeiro os nossos elegantes bazares que se achão surtíbulos de quantas flores e fitas havia em Pariz.

Por fallar em programma quero de pas-sagem dar sciencia aos leitores de um annuncio que li no *Paiz* e que, por ser um pouco trisorio prendeu-me a attenção. Diz o annuncio: Na rua da Palma n. 20 vende-se isto, aquillo, aquillo outro e *car-neros feludos que fazem mé.*

Acabo de ver a photographia da meni-na do Dauphiné que se acha exposta ás vistas do publico no Rio de Janeiro. É um phenomeno, leitores, tem 20 annos de idade e pesa segundo o annuncio que vi 170 kilos; tem 10 decimetros de côxa e 68 centimetros de barriga de perna, reunindo a isto, a graça, a affabilidade e a *agilidade* propria das pessoas da sua idade. Ainda diz o annuncio: a naturosa parece ter-lhe dispensado todos os seus dons: a força lo seus membros; a belleza, a pe-quenez e forma regular de suas mãos e pés desmente a incredulidade.

Com esta noticia despede-se até domín-go o vosso *Xisto Calixto*.

como o p.ixo engole a isca sem vêr que se vai visgar.

O resto todas sabemos desde Adão no paraizo quando Eva apuzou da poz-lhe em conserva o juizo.

E demais Ibez, Besdemona, dos poetas decantadas á esse rão de politica não forão sacrificadas ?

E' claro pois que o amor é do mundo a parisião! Agora vov eu da pinga fazer-vos a descripção:

Ella aquece, refrigora, torna a dor em alegria, faz até um pobre rego ver estrella ao meio dia.

Um copazio da—queisada—ao patisco trovador da ao peito, ao som da lyrz, a' melhor voz de tenor.

A vellu-sea rheumatica, enfadon'a e coreovada, com dois beijos na botija fica moça e espiitada.

A menina que namora agerrada na janella, p'ra não ter tostada a entis-tome sempre um gole d'ella.

Até o velhote gaiteiro que quizer ficar rapaz roge a dona gerelita um pinguinho de seu gaz.

O paquedo jesuita que idolatra as libações, sua caehaça poderia tolerar esses mações ?

O amigo deputado que não falta por—prudencia—morda um traço e sobre a lingua e verá que eloquencia.

O valente espadachim já sem força, em pro-tração, basta o cheiro só da *prima* para barnal-o um Saucão.

As seu offeito n'um banho quem houvera que resista? Seja a bocca mais mimosa... para embargo co' pelo vista.

Bebe o athen, o beato, t'hoem bebe o frade, a freira, o militar, o paisano; todos tomam *cabelleira*.

O casado *mama* em casa o solteiro em pagode, escondido as m-ças chupam... só não bebe quem não pode.

Entre amor e a caehaça quiz fazer a distincção, mas a conversa vai longe, logo volto á conclusão.

S. Luiz, setembro de 1873.

*O Lino mão de Paca.*